

Falar às memórias

Os editores

Além dos livros biográficos que normalmente se originam de horas e horas de história oral e de muita pesquisa documental, hoje passamos a ter *podcasts* que relatam as vidas das pessoas. Tudo isso sempre com o objetivo de marcar a memória, de deixar grafado e gravado para o futuro, para que as histórias não caiam no esquecimento. Um pouco disso é a própria Ciência: diálogo e memória.

À Ciência cabe fazer vínculos, gerar *hubs*, criar conectivos o tempo todo, pois é da interação de saberes que se faz o saber. E ainda cabe manter as chamas acesas, vivas, sem a possibilidade de vacância, pois o mundo, as pessoas precisam disso: precisam que novos conhecimentos se façam presentes em suas vidas. A Revista Interfaces da Comunicação é um desses dispositivos que se prestam a juntar pessoas e pensamentos, a buscar provocações que nos tirem dos lugares e nos levem a outras praças em que nossos saberes possam ser complementados – e confrontados, e debatidos. Este nosso número dois é o empenho para que a chama vibre e reluza, que traga os encontros.

O primeiro artigo dessa edição traz em seu título e em seu corpo o tema diálogo. Luiz Farias, Adriana Amaral, Thaís Aiello e Roberta Attene oferecem “Um diálogo comunicativo que aproxima e transforma: narrativas interculturais contemporâneas nas produções *Video nas Aldeias* e *Um dia na Aldeia*”. O texto coloca em destaque a temática das narrativas indígenas brasileiras a partir de obras culturais que destacam o que ainda é tão pouco conhecido, mesmo sendo a base de nossas origens. Gustavo Curcio, Fernanda Sarmento Barata e Claudia Dayé compartilham em seu artigo “*Print media in digital age: creativity as e-learning tool*” as experiências de ensino remoto de técnicas de impressão para *designers* gráficos em nível de graduação a partir do Moodle, em um relato de superação durante o período da pandemia.

Em “Do cartaz ao *fake out of home*: o eterno compromisso da publicidade com a mentira”, os pesquisadores Clotilde Perez e Bruno Pompeu refletem criticamente – e nos fazem refletir – sobre a evolução da Publicidade, confrontando-nos com os novos

cenários e realidades da Propaganda ao longo de sua história. Ana Torezan e Paulo Nassar comunicam por meio de “Novas narrativas de Comunicação Não Violenta e Educação para a Paz nas famílias: o papel humanizador e restaurativo das Oficinas de Parentalidade no judiciário brasileiro” o direito à comunicação e à educação, elementos fundamentais na contemporaneidade e nas interfaces em nossa sociedade.

Com o artigo “Após o centenário da semana de arte moderna, ainda há um movimento: o meme como manifestação cultural”, Ruth Carolina Rodrigues Sgrignolli e Michelle Asato Junqueira realizam uma comparação entre as transformações artísticas históricas e as operadas pelo ambiente digital, colocando frente a frente a Semana de Arte Moderna de 1922 e os “memes” como divulgadores da arte. Já Diogo Cortiz, Leonardo Nobre, Tatiana Ladeia e Luís Viegas discutem em seu artigo “Identidade cultural e inteligência artificial: Uma análise das imagens de festas populares brasileiras geradas pela plataforma Midjourney” o impacto das inteligências artificiais nas representações culturais e os embates entre o mundo concreto e o virtual.

A edição desta Interfaces traz ainda duas resenhas para completar seus diálogos, começando com o livro “A Festa do Bode”, de Mario Vargas Llosa, redigida por Caio Henrique Trentini Urbano, seguindo para o olhar de Maria Rita Mazzucatto sobre o livro “Bem Mais que Ideias: a Interseccionalidade Como Teoria Social Crítica”, de Patrícia Hill Collins. Para fechar o número, Paulo Nassar nos oferece o relato “Os lugares de memória são lugares extraordinários”. Mantemos assim o perfil da publicação: diálogos e lugares de memória, convidando a todos para a leitura, o debate e a Ciência.